



Prefeitura da Estância Balneária de Ilhabela- SP
Professor De Educação Básica – Ensino Fundamental I
(De 1º Ao 5º Ano)

LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários)	1
Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras	4
Pontuação	5
Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem	10
Concordância verbal e nominal	22
Regência verbal e nominal	25
Colocação pronominal	27
Crase	30
Questões	31
Gabarito	41

CONHECIMENTOS GERAIS EM EDUCAÇÃO

Cotidiano escolar	1
A prática educativa	2
Relação professor/aluno	5
Planejamento, procedimentos de ensino	7
Currículo e avaliação	9
A escola democrática	12
As assembleias escolares	14
A indisciplina na escola: o bullying escolar – o papel do professor na observação e combate da violência	16
Inclusão escolar	19
Necessidades educativas especiais	21
Tecnologia na educação	24
Educação ambiental	27
Estatuto da criança e do adolescente	29
Lei de diretrizes e bases da educação nacional	96
Questões	128
Gabarito	134

SUMÁRIO



BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Bacich, lillian; neto, adolfo t.; Trevisani, fernando de mello (orgs.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto alegre: penso, 2015	1
Braga, a. R. Meio ambiente e educação: uma dupla de futuro. Campinas: mercado das letras, 2010. (Série cenas do cotidiano escolar)	2
Bncc- a base nacional comum curricular	3
Brasil. Lei nº 8.069, De 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Artigos 53 a 59; 136 e 137.	60
Lei nº 9.394, De 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e atualizações	60
Brasil. Ministério da educação. Secretaria da educação especial. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: mec, 2001.	60
A escola comum inclusiva. A educação especial na perspectiva da inclusiva escolar. Brasília. Ministério da educação especial, 2010	65
Fascículo 1. Recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa. A educação especial na perspectiva da inclusiva escolar.	80
Brasília. Ministério da educação especial, 2010. Fascículo 6.	81
Doug, lemov. Aula nota 10. Tradução de leda beck. São paulo: da boa prosa: fundação lemann, 2011	82
Fante, c. Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz. São paulo: verus, 2005	82
Fraiman, leo. Como ensinar bem as crianças e adolescentes de hoje. São paulo: metodologia opee, 2015	83
Franco, gustavo cosenza de almeida. Freire, paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São paulo: paz & terra, 1996.	84
Grajzer, deborah. Conheça os três usos práticos da prova brasil. Publicado no qedu blog, 2015.....	85
Luckesi, c.C. Sobre notas escolares. Distorções e possibilidades. São paulo: cortez, 2014.....	86
Morin, e. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São paulo: cortez, unesco, 2000.	88
Ramos, r. Inclusão na prática: estratégias eficazes para a educação inclusiva. 2. Ed. São paulo: summus, 2010. (Capítulos 5, 6 e 7)	89
Tognetta, I. R. P.; Vinha, t. P. Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: mercado das letras, 2007. (Cenas do cotidiano escolar)	90
Cohen, elizabeth g.; Lotan, rachel a. Planejando o trabalho em grupo. Estratégias para salas de aula heterogêneas. Porto alegre. Penso,	91
Bacich, lillian; neto, adolfo tanzi; trevisani, fernando de mello. Ensino híbrido personalização e tecnologia na educação. Porto alegre. Penso, 2015.	92
Bergmann, jonathan; sams, aaron. Sala de aula invertida. Uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de janeiro. Ltc,2018.....	93



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

A mediação do professor no processo de construção da escrita	1
Língua oral e escrita	3
Análise e reflexão sobre a língua	5
Gêneros textuais como objeto de ensino	7
A matemática no cotidiano e nas práticas escolares.....	9
O jogo e a resolução de problemas no ensino da matemática	11
Educação de jovens e adultos: processo histórico e concepções	13
Alfabetização de adultos	14
Ensinar na diversidade etária (jovens, adultos e idosos na mesma sala).....	16
Organização curricular na eja.....	18
Recuperação da aprendizagem de adolescentes, de 15 a 17 anos, com defasagem de idade/série	20
Diretrizes para a educação de jovens e adultos.....	22
Cadernos eja – mec – professores: cultura e trabalho; diversidade e trabalho; economia solidária e trabalho; emprego e trabalho; globalização e trabalho; juventude e trabalho; meio ambiente e trabalho; mulher e trabalho; qualidade de vida, consumo e trabalho; segurança e saúde no trabalho; tecnologia e trabalho; tempo livre e trabalho; e trabalho no campo	25
Questões	27
Gabarito.....	35

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA - ESPECÍFICOS

Brasil. Secretaria de educação básica. Diretoria de apoio à gestão educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Cadernos de língua portuguesa e matemática. Brasília: mec/seb, 2014.	1
Brakling, k. L. Leitura do mundo, leitura da leitura, leitura proficiente: qual é a coisa que esse nome chama? In: revista aprender juntos. São paulo (sp). Edições sm, 2008. ...	7
Bueno, l. Gêneros textuais: uma proposta de articulação entre leitura, escrita e análise linguística. In: cenp. Língua portuguesa: ensinar a ensinar. São paulo: secretaria de educação, 2009.....	8
Brunel, c. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto alegre: mediação, 2004	9
Grando, r. C. O jogo na educação matemática: aspectos teóricos e metodológicos. In: . O jogo e a matemática no contexto da sala de aula. São paulo: paulus, 2004	11
Kleiman, a. B. Preciso “ensinar” o letramento? Campinas: cefiel, 2005	13



Lousada, e. G. A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para análise de textos. In: cunha, c. L.; Piris, e. L.; Carlos, j. T. Abordagens metodológicas em estudos discursivos. São paulo: paulistana, 2010.....	14
Nacarato, a. M.; Mengali, b. L. S.; Passos, c. L. B. A produção de significados matemáticos. In: . A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo horizonte: autêntica, 2009.	16
São paulo (estado). Secretaria da educação. Fundação para o desenvolvimento da educação. Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas. Professor – 1º ao 5º ano. São paulo: fde, 2010.	17
Smole, k. S.; Diniz, m. I. (Org.). Ler escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto alegre: artmed, 2001.	19
Schneuwly, b.; Dolz, j. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: . Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: mercado de letras, 2004.	20
Walle, j. A. V. Ensinando pela resolução de problemas. In: . Matemática no ensino fundamental: formação de professores e aplicação em sala de aula. 1. Ed. São paulo: artmed, 2009	22
Brasil. Ministério da educação. Conselho nacional de educação. Câmara de educação básica. Resolução cne/ceb nº 3, de 15 de junho de 2010. Institui diretrizes operacionais para a educação de jovens e adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de eja; idade mínima e certificação nos exames de eja; e educação de jovens e adultos desenvolvida por meio da educação a distância.	24
Decreto nº 5.840, De 13 de julho de 2006. Vale registrar que originalmente o programa foi instituído pelo decreto nº 5.478/2005, O qual foi revogado pela promulgação do decreto nº 5.840, De 13 de julho de 2006.....	27
Gustsack, f.; Viegas, m. F.; Barcelos, v. (Org.). Educação de jovens e adultos: saberes e fazeres. Santa cruz do sul: edunisc, 2007.	29
Ruotti, c.; Alves, r.; Cubas, v. O. Violência na escola: um guia para pais e professores. São paulo: andhep, imprensa oficial do estado de são paulo, 2006.	30
São paulo. Educação de jovens e adultos (eja). Mundo do trabalho. São paulo: secretaria de desenvolvimento econômico, ciência e tecnologia (sdect), 2012. II. (Eja – mundo do trabalho) – (introdução)	32

SUMÁRIO



Definição Geral

Embora correlacionados, esses conceitos se distinguem, pois sempre que compreendemos adequadamente um texto e o objetivo de sua mensagem, chegamos à interpretação, que nada mais é do que as conclusões específicas.

Exemplificando, sempre que nos é exigida a compreensão de uma questão em uma avaliação, a resposta será localizada no próprio texto, posteriormente, ocorre a interpretação, que é a leitura e a conclusão fundamentada em nossos conhecimentos prévios.

Compreensão de Textos

Resumidamente, a compreensão textual consiste na análise do que está explícito no texto, ou seja, na identificação da mensagem. É assimilar (uma devida coisa) intelectualmente, fazendo uso da capacidade de entender, atinar, perceber, compreender.

Compreender um texto é captar, de forma objetiva, a mensagem transmitida por ele. Portanto, a compreensão textual envolve a decodificação da mensagem que é feita pelo leitor.

Por exemplo, ao ouvirmos uma notícia, automaticamente compreendemos a mensagem transmitida por ela, assim como o seu propósito comunicativo, que é informar o ouvinte sobre um determinado evento.

Interpretação de Textos

É o entendimento relacionado ao conteúdo, ou melhor, os resultados aos quais chegamos por meio da associação das ideias e, em razão disso, sobressai ao texto. Resumidamente, interpretar é decodificar o sentido de um texto por indução.

A interpretação de textos compreende a habilidade de se chegar a conclusões específicas após a leitura de algum tipo de texto, seja ele escrito, oral ou visual.

Grande parte da bagagem interpretativa do leitor é resultado da leitura, integrando um conhecimento que foi sendo assimilado ao longo da vida. Dessa forma, a interpretação de texto é subjetiva, podendo ser diferente entre leitores.

Exemplo de compreensão e interpretação de textos

Para compreender melhor a compreensão e interpretação de textos, analise a questão abaixo, que aborda os dois conceitos em um texto misto (verbal e visual):

FGV > SEDUC/PE > Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial > 2015

Português > Compreensão e interpretação de textos

A imagem a seguir ilustra uma campanha pela inclusão social.





Introdução

O cotidiano escolar refere-se à soma das atividades e interações que ocorrem dentro do ambiente escolar diariamente. Ele abrange não apenas o conteúdo das aulas, mas também os relacionamentos entre alunos, professores e funcionários, a gestão do tempo, a organização de eventos e atividades extracurriculares. Mais do que um simples cenário de ensino, a escola se configura como um microcosmo da sociedade, onde regras, valores e práticas sociais são experimentados e internalizados pelos alunos. Esse cotidiano desempenha um papel fundamental no processo educativo, pois oferece o contexto no qual o ensino formal acontece e onde os alunos podem aplicar o que aprendem.

A rotina escolar não é apenas um conjunto de atividades repetitivas, mas um espaço de interação dinâmica entre o indivíduo e o coletivo. Os alunos desenvolvem competências cognitivas, sociais e emocionais, e a qualidade dessa experiência cotidiana impacta diretamente seu desempenho acadêmico e seu desenvolvimento pessoal. Além disso, o cotidiano escolar contribui para a construção de uma cultura organizacional que reflete os valores da escola, sua missão educacional e a forma como ela prepara os alunos para a vida em sociedade.

A Dinâmica das Aulas e a Relação Professor-Aluno

Um dos aspectos centrais do cotidiano escolar é a dinâmica das aulas, que envolve desde o planejamento do conteúdo por parte dos professores até a execução de atividades em sala de aula. A preparação de uma aula vai além de escolher um conteúdo; ela exige do professor uma análise de como os alunos aprendem, quais métodos são mais eficazes para cada grupo e como o ensino pode ser adaptado para atender às necessidades específicas dos alunos. Dessa forma, a qualidade do ensino está intimamente ligada à organização e à execução do conteúdo pedagógico no cotidiano.

Outro elemento essencial nesse contexto é a relação entre professores e alunos. Essa relação vai além da mera transmissão de conhecimento, pois envolve também o estabelecimento de vínculos de confiança e respeito mútuo. Um ambiente de aprendizagem positivo é aquele em que os alunos se sentem seguros para expressar suas dúvidas e participar ativamente das discussões. A capacidade do professor de promover um clima de respeito, empatia e cooperação é decisiva para o sucesso da educação. Além disso, o professor também desempenha um papel de mediador de conflitos e facilitador do diálogo, ajudando a construir um ambiente escolar saudável e inclusivo.

A Participação dos Alunos no Cotidiano Escolar

A participação ativa dos alunos no cotidiano escolar é essencial para o desenvolvimento de sua autonomia, responsabilidade e habilidades sociais. Os alunos não devem ser vistos apenas como receptores passivos de conhecimento, mas como agentes ativos em seu processo de aprendizagem. A escola deve proporcionar oportunidades para que os alunos participem de decisões, colaborem em projetos e se envolvam em atividades extracurriculares que complementem o ensino formal.

Atividades como feiras de ciências, competições esportivas, conselhos estudantis e clubes temáticos permitem que os alunos experimentem papéis de liderança, aprendam a trabalhar em equipe e desenvolvam a capacidade de tomar decisões informadas. Essa participação é fundamental para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a autogestão, a empatia e a comunicação eficaz. Além disso, a presença de atividades extracurriculares diversificadas estimula o interesse dos alunos e pode ser um fator motivador para o aprendizado, especialmente para aqueles que não se envolvem tão profundamente com as disciplinas tradicionais.



Bibliografia Sugerida

O livro “Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação”, organizado por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani, é uma obra fundamental que explora as potencialidades do ensino híbrido como modelo educacional inovador. Publicado pela editora Penso em 2015, o livro aborda como a integração de práticas pedagógicas tradicionais com tecnologias digitais pode transformar o ambiente educativo, tornando-o mais adaptativo e centrado no aluno.

O Conceito de Ensino Híbrido

— Definição e Fundamentos

O ensino híbrido, ou blended learning, é apresentado como uma abordagem educacional que combina o ensino presencial com o online, aproveitando o melhor de ambos os mundos para criar uma experiência de aprendizado mais rica e personalizada. Os autores discutem como essa metodologia permite adaptar o ritmo, estilo e interesses de aprendizagem de cada estudante, destacando a importância da personalização no processo educativo.

— Vantagens do Modelo Híbrido

O livro detalha várias vantagens do ensino híbrido, incluindo a flexibilidade para estudantes gerenciarem seu próprio tempo e o potencial para uma maior interação e colaboração através de ferramentas online. Além disso, enfatiza como esse modelo pode facilitar um feedback mais imediato e detalhado por parte dos educadores, essencial para o desenvolvimento do aluno.

Implementação do Ensino Híbrido

— Desafios e Estratégias

Embora reconheçam os benefícios, os organizadores não ignoram os desafios associados à implementação do ensino híbrido. Eles exploram questões como a necessidade de formação de professores, infraestrutura adequada, e resistência às mudanças tanto por parte de instituições quanto de educadores. O livro oferece estratégias práticas para superar esses obstáculos, incentivando uma abordagem gradual e reflexiva à adoção do ensino híbrido.

— Tecnologia como Facilitadora

A obra também discute o papel crucial da tecnologia no ensino híbrido, argumentando que as ferramentas digitais não são apenas suportes, mas elementos transformadores do processo de ensino-aprendizagem. Os autores destacam exemplos de tecnologias que podem ser integradas, como plataformas de aprendizado adaptativo, fóruns online, e sistemas de gestão de aprendizagem (LMS).

“Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação” é uma leitura essencial para educadores, administradores escolares e políticos educacionais que desejam compreender e implementar o ensino híbrido em suas práticas. Ao fornecer uma base teórica sólida juntamente com orientações práticas, Bacich, Tanzi Neto, e Trevisani abrem caminho para uma educação mais inclusiva, flexível e adaptada às necessidades individuais dos estudantes, promovendo uma verdadeira transformação no cenário educacional



A alfabetização é um processo complexo que envolve o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras, sociais e emocionais. Nesse contexto, o papel do professor como mediador é crucial para garantir que a criança tenha uma experiência significativa e bem-sucedida na construção da escrita. A mediação é o processo pelo qual o professor orienta, estimula e facilita o aprendizado, criando um ambiente onde as crianças possam explorar e compreender o mundo da linguagem escrita de forma ativa e progressiva.

A mediação do professor vai além de fornecer instruções ou corrigir erros; ela envolve o acompanhamento próximo e a adaptação das estratégias pedagógicas às necessidades e ao ritmo de cada aluno. O professor atua como um guia que incentiva a autonomia, mas também oferece suporte, ajudando os alunos a superar dificuldades e a desenvolver as habilidades necessárias para se tornarem escritores competentes.

O Papel da Mediação no Processo de Escrita

A mediação, de acordo com a teoria sociocultural de Lev Vygotsky, é fundamental para o aprendizado. No contexto da alfabetização, a mediação do professor é essencial para auxiliar as crianças a passarem daquilo que são capazes de fazer de forma independente para o que podem alcançar com a ajuda de um adulto ou de colegas mais experientes. Esse conceito, conhecido como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), descreve o espaço entre o conhecimento atual da criança e o potencial que ela pode atingir com a mediação adequada.

A mediação do professor no processo de construção da escrita pode ser vista em diversas dimensões:

- **Orientação explícita:** O professor oferece explicações, dá exemplos e demonstra o uso correto das letras, palavras e frases. Isso é especialmente importante nos primeiros estágios da alfabetização, quando as crianças estão aprendendo a reconhecer os sons das letras (consciência fonológica), a formar sílabas e a compreender as convenções da escrita.

- **Feedback contínuo:** A mediação envolve dar feedback imediato e construtivo sobre o trabalho das crianças. O professor não apenas corrige erros, mas também aponta acertos e sugere melhorias, incentivando a reflexão sobre o processo de escrita e ajudando as crianças a identificar padrões e a desenvolver a autocorreção.

- **Estímulo à autonomia:** Embora o professor ofereça suporte, a mediação deve sempre ter como objetivo a progressiva autonomia da criança. Isso significa que o professor deve incentivar os alunos a tentar escrever por conta própria, mesmo que cometam erros, e a descobrir soluções por meio da experimentação.

- **Apoio emocional:** A mediação também inclui a criação de um ambiente emocionalmente seguro, onde as crianças se sintam à vontade para arriscar e errar sem medo de julgamento. O suporte emocional é crucial para que o aluno desenvolva uma atitude positiva em relação à escrita, vendo o processo de aprendizagem como algo desafiador, mas realizável.

Por meio dessas ações, o professor se torna um facilitador que ajuda as crianças a desenvolverem suas habilidades de escrita de maneira gradual, respeitando o ritmo de cada uma e oferecendo as ferramentas necessárias para que se tornem cada vez mais independentes no uso da linguagem escrita.

Estratégias de Mediação na Construção da Escrita

A mediação eficaz no processo de construção da escrita requer a aplicação de estratégias pedagógicas que proporcionem um aprendizado significativo e ativo. Entre as estratégias mais importantes, destacam-se:



Bibliografia Sugerida - Específicos

— Concepção de criança, infância e educação

Claudinéia Maria Vischi Avanzini (Pedagoga da Secretaria de Estado da Educação do Município de Araucária); Lisandra Ogg Gomes (Professora da Universidade do Rio de Janeiro)

O que é ser criança? O que significa a infância? As respostas para essas perguntas podem parecer simples, até mesmo nos dias de hoje, se pensarmos na quantidade de imagens, discursos, práticas, teorias e pesquisas acerca desses indivíduos e dessa geração ao longo da História. Podemos iniciar essa incursão considerando três perspectivas: a criança, enquanto um ser genérico; a infância, como uma geração ou fase da vida; e as crianças, a partir do modo como vivem suas infâncias¹.

O que queremos pontuar é que não podemos conceber como sinônimos “infância” e “criança”, e também não podemos idealizar uma única infância ou criança, pois são diversas as infâncias que as crianças vivem. Assim, apresentaremos concepções de determinadas épocas acerca de “infância”, “criança” e “educação”, para que o leitor perceba a continuidade no tempo de determinadas ideias e práticas.

Há de se considerar que, por um lado, infância é uma construção sócio histórica, ou seja, a infância é produzida pelo conjunto da sociedade a partir de ideias, práticas e valores, que se referem, sobretudo, às crianças, sendo que esses elementos são estabelecidos, difundidos e reproduzidos social e culturalmente. Infância não é natural, mas um fato social, ou seja, é uma construção coletiva que assume uma forma, tem um sentido e um conteúdo, os quais são estabelecidos a partir das formas de agir, pensar e/ou sentir de uma coletividade.

Portanto, independentemente das manifestações individuais, quando as crianças nascem são inseridas nessa geração e em um contexto sócio histórico, quer elas queiram ou não. Ademais, a infância não termina quando as crianças crescem.

Essa geração continua a existir e a receber novas crianças. Infância é uma geração, pois compõe a estrutura da sociedade, tem uma função, uma posição e está sujeita aos mesmos parâmetros, econômico, tecnológico e cultural, por exemplo, que as demais gerações.

Por outro lado, há uma representação social, ideal e universal, de criança, pautada em fases apropriadas de desenvolvimento infantil e formas de socialização que a caracterizam pela imaturidade e dependência, orientando práticas e ideias que a levem à maturidade e independência, aspectos que serão analisados no decorrer deste texto.

Ainda assim, na atualidade, já se reconhece que as crianças têm suas necessidades, têm seus processos físicos, cognitivos, emocionais e características individuais, sexo, idade, etnia, raça e classe social, e têm seus direitos e deveres. Portanto, suas infâncias são diversas, pois elas atuam e participam nos espaços socioculturais, e de seus tempos.

Dessa forma, para entender a história e as concepções, tanto a respeito da infância como da criança, das crianças e suas infâncias, tomamos as Ciências Sociais, a partir dos campos da História, Psicologia, Filosofia, Sociologia e Educação.

A compreensão histórica das ideias acerca das crianças e da infância exige entender duas questões:

A – Em qualquer época, a preocupação com elas e a educação delas sempre existiu, mas nem sempre foi da mesma forma;

B – O conhecimento social construído acerca das crianças não se deu apenas na sociedade europeia.

1 <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/143.pdf>